

Notas Metodológicas

SUJEITO E OBJETO E OS PROBLEMAS DA ANÁLISE

SUJET ET OBJET ET LES PROBLÈMES D'ANALYSE

ARMANDO CORREA DA SILVA¹

RESUMO

A epistemologia atual demanda a consideração conjunta de sujeito e objeto na relação. Através de sugestões de leituras e de uma experiência pessoal o autor desenvolve algumas reflexões sobre o tema do artigo.

RESUMÉ

La épistémologie actuelle demande la consideration conjointe de sujet et d'objet dans la relation. À travers de suggestions de lecture e d'une expérience personnelle l'auteur developpe quelques réflexions sur la problematique du texte.

¹ Professor do Departamento de Geografia - FFLCH - USP

A Construção do Objeto como (Re)Construção do Sujeito

Na atual ausência de consenso sobre o paradigma aceitável pela comunidade científica, que definisse um padrão comum, os trabalhos de pesquisa caminham em várias direções epistemológicas.

Muito já se escreveu sobre o monismo, o pluralismo e o ecletismo dos trabalhos realizados no âmbito das ciências humanas e sociais, e que estão ainda em andamento. Uma certa liberdade heurística é, assim, inevitável.

Por isso, em Teoria do Conhecimento, as análises que separam ou antagonizam, sujeito e objeto, têm produzido escritos que mutilam a necessária organicidade dos textos. Certas exigências acadêmicas (prazos curtos, tempo de formação intelectual reduzido, necessidades administrativas, preocupação quantitativa com produtividade, a não problematização dos temas etc.) e não acadêmicas (solução de questões existenciais dificultadas por recursos escassos) são muitas vezes responsáveis por isso. No entanto, o assunto não se esgota nessas imediatezidades. Há questões teóricas que demandam amadurecimento, o que implica, para além disso, a necessidade de ultrapassar o simples observar e o caminhar em direção à reflexão prospectiva.

Estas considerações são feitas a propósito dos trabalhos recentemente produzidos em Geografia, nos níveis de Mestrado e Doutorado, com base em experiência no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia da USP e alguns novos projetos de orientandos em pós-graduação deste autor como orientador.

Um pré-requisito na consecução dos objetivos de uma pesquisa é, então, o de por-se o pensamento em movimento.

Daí o subtítulo acima.

Isso implica em lidar com a conjuntura. Esta, pode ser entendida de vários modos, quanto à abrangência do objeto (como coisa) e do tema (enquanto relação). Nos dois casos a análise defrontar-se-á com o contexto e o significado da procura do método e de seus pressupostos. Daí a necessidade do projeto, que, embora exigência quase geral, tem se tornado uma formalidade discutível em sua necessidade, uma vez que se trata de uma escolha frequentemente subjetiva do interessado que, nessa fase, não vislumbra os desdobramentos dessa escolha.

É que, num primeiro momento, deve-se considerar o caráter individual do aluno, dentro do padrão universitário existente, na execução de seu projeto, mesmo levando em conta a orientação do responsável.

Ocorre, por isso, uma situação singular: o universo teleológico existente é o intra-muros da Universidade que, na sua compartimentação, leva o aluno, através do currículo e da cultura evidenciada no seu cotidiano acadêmico específico, a escolhas direcionadas. Em outras palavras: o real universitário, instituído, limita o alcance da reflexão, levando-o a procurar definir uma estratégia para escapar dos limites estreitos do conhecimento nesse nível.

No entanto, alguns alunos conseguem ultrapassar essas limitações, quando por circunstâncias que não são gerais, encontram seu caminho num processo informal de debate (com colegas ou professores), na Unidade Departamental ou fora dela.

Esses alunos possuem o que se pode chamar de uma inquietação intelectual que os conduz ao inconformismo epistêmico.

Na discussão metodológica, começa então a esboçar-se a consciência da existência de um pensamento conservador que tem origem na Unidade (Universidade) e fora dela (na mass media, na estereotipação do ethos popular, no congelamento das metodologias, na influência dos partidos, dos sindicatos, das associações etc.).

Em última instância, o que os jovens procuram, pelo menos aqueles mencionados, é a verdade. Ora, a verdade não está no objeto, o que conduz à ideologia da faticidade, principalmente se o objeto dado é tomado como indutor do conhecimento. É a relação e o conjunto de relações, entendidas em seus imbricamentos com o texto e o contexto, que são capazes de revelar o movimento do real, transposto ao pensamento como objeto pensado. Por isso, como símbolo, como imagem, como significante e significado.

Assim, o pesquisador é alguém em processo de múltiplas relações que o levam, aos poucos, da investigação à interpretação, invertendo/revertendo o projeto. É mesmo o caso da subversão do projeto inicial. Ou seja, a descoberta do eu cognoscente para mais longe da imediaticidade da consciência inicial.

Nesse processo de amadurecimento, que é dialético, o pensamento avança em direção ao desconhecido que, no decorrer do trabalho, precisa ser desvendado. É, então que a construção do objeto demanda a (re)construção do sujeito.

Do Projeto ao Plano

Neste ponto, conviria fornecer um exemplo de objeto pensado em vias de transformar o projeto (investigação) no plano (interpretação) para tornar mais claras as formulações precedentes, através de uma experiência pessoal.

Em 16/07/1991 tive que realizar uma palestra em uma Mesa Redonda promovida pela Associação dos Geógrafos Brasileiros no Departamento de Geografia da USP.

Nessa ocasião eu estava lidando com muitas variáveis separadas num processo analítico que deveria consubstanciar uma síntese de meu pensamento a propósito da conjuntura, em um nível de exposição de resultados problematizados, o que demandaria a realização posterior de uma pesquisa que não foi realiza-

da. O exemplo serve, então, sob a forma de um roteiro, de explicitação de um ponto de vista relativo ao pensamento em movimento.

É o seguinte:

TEORIA E MÉTODO

Introdução

I. A Crise da Razão (Iluminista)

1. O período técnico-científico e a fragmentação do real.
2. A crise da totalidade: a transparência.
 - a) A função determina o movimento.
 - b) O todo é a parte e a parte é o todo.
 - c) A subtotalidade.
 - d) A ideologia do cotidiano.
 - e) O novo discurso e o pós-marxismo.
 - Ainda o iluminismo (Frankfurt).
 - A razão instrumental.
 - As condições da pós-modernidade.
 - . Flexibilidade.

II. Internacionalismo e Democracia

1. O papel das metrópoles na definição do sistema.
 - a) Informação e Comunicação.
 - b) Geração e Circulação do valor.
 - Além do valor de uso e do valor de troca.
 - A Geografia e o Concreto.
 - . A Aparência, o Ser e a Forma.

- c) O choque tecnológico.
 - A modernização.
 - A Pós-Modernização: a velocidade.
 - A Ideologização da técnica.

2. O que a crise está gerando ?

- a) Os tecnopólos e os tecnólogos.
- b) Os laboratórios e os escritórios.
- c) Um novo perfil social ?

III. Conclusão

1. A Ontologia Analítica.

- a) A questão das diferenças.
- b) Liberdade e Necessidade.
- c) Determinação e Indeterminação.
- d) Para Onde ?

IV. Bibliografia.

Comentário

A sinopse é definida como uma introdução. Isto significa defini-la como uma aproximação ao objeto. Deve-se ter em conta que a abordagem é pluralista, lidando com conceitos que devem ser esclarecidos e confrontados com a realidade empírica, uma vez que a síntese analítica proposta é resultado de muitas leituras e observações indiretas.

A subtotalidade assim conformada exclui muitas variáveis e apreende, ou procura apreender, o real em um conceito de conjuntura que é o presente vivido.

O autor está convencido de que a sinopse alcança o significado de um momento da atualidade.

Agora, 09/01/1993, o projeto/plano mostra-se ainda consistente.

Por que ?

Porque a postura do autor implicou, desde logo, no lidar com o imaginário que já é realidade vivida e a viver.

A Construção do Sujeito e a (Re)Construção do Objeto

A consciência entra em crise por várias razões.

A evidência pode ser a mente vazia. É que estão esgotados os impulsos da própria teleologia proposta.

Daí, a necessidade da relação-em-si, da relação-para-si e da relação-para-o-outro. Em outras palavras: a construção do sujeito demanda o intercâmbio societário e comunitário.

O individualismo posto pelo sistema torna-se, então, um obstáculo ao desenvolvimento da intra-subjetividade e da inter-subjetividade, uma vez que os sujeitos estão se construindo num movimento desigual em que as subtotalidades, se sistemas fechados, encontram barreiras na cognição plural.

O que está acontecendo que produz essa situação esquizofrênica ?

Apesar do individualismo atual, são razões principalmente culturais a raiz do estranhamento.

A descentralização (pessoas, grupos, sociedades, países etc.) do presente, que pulveriza o cotidiano, choca-se com os movimentos de concentração ou centralização que são múltiplos.

O sujeito construído, depois de (re)construído, defronta-se agora com o objeto construído, a seguir (re)construído.

Por isso, a certeza é o instante funcional, onde as formas desempenham um papel para frente/para trás. As estruturas ao nível das comunicações se fazem e desfazem no ritmo das determinações e indeterminações.

Como desconhecer as rupturas ?

A liberdade hoje posta, pode ser a prisão do amanhã.

A construção do sujeito implica na rejeição da sujeição que, não obstante, é parte do cotidiano consentido enquanto reconhecimento do institucional em sua legalidade e legitimidade. Daí que a liberdade passe a independender das restrições do objeto, que pode/ deve ser (re)construído. Mas, fazê-lo é por-se como sujeito em construção.

Põe-se, então, a objetividade imaginada.